REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

8.º ANNO—VOLUME VIII—N.º 248

11 DE NOVEMBRO 1885

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO
LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administador da empreza.

CHRONICA OCCIDENTAL

Na nossa ultima chronica, o assumpto predominante da occasião — a abertura do Theatro de S. Carlos — obrigou-nos a pôr de parte um aconcimento importante e interessantissimo que fez certa sensação em Lisboa, e que veio mais uma vez chamar as attenções do publico para a deficiencia lamentavel que se nota, hoje ainda, na organisação da justiça portugueza.

Sabem já por isto que nos referimos a um caso de Boa Hora, e portanto sabem tambem que esse caso não pode deixar de ser o julgamento de Francisco de Paula Pereira, o indigitado criminoso da rua Formosa, julgamento que tanto pela gravidade do crime, como pelas circumstancias especiaes que o acompanharam, foi o julgamento mais importante das audiencias criminaes do presente anno.

N'um pequeno cubiculo rez do chão, da rua Formosa, uma barraca com quatro compartimentos apenas, viviam ha muito tempo dois velhos, irmão e irmã, muito amigos, muito pobres, e muito beatos.

Um dia, ao amanhecer, a velha appareceu morta em casa, com uma das jugulares cortada e varias contusões fortissimas na região frontral.

O golpe da jugular fora feito com uma navalha de barba, as contusões da fronte com um ferro de engommar.

O irmão, Francisco de Paula, estava em casa: estivera lá toda a noite, levantara-se cedo como de costume, e quando — contou elle — fazendo-lhe especie a irmã se não levantar como de costume, se dirigiu á enxerga onde ella dormia para a accordar, encontrou-a morta.

Assustado com o caso chamou logo a policia.

E a policia encontrou-se em frente de um cadaver e de um mysterio, de um mysterio tão impenetravel que ainda hoje, apesar da justiça ter dito sobre o caso a sua ultima palavra, continua a ser mysterio.

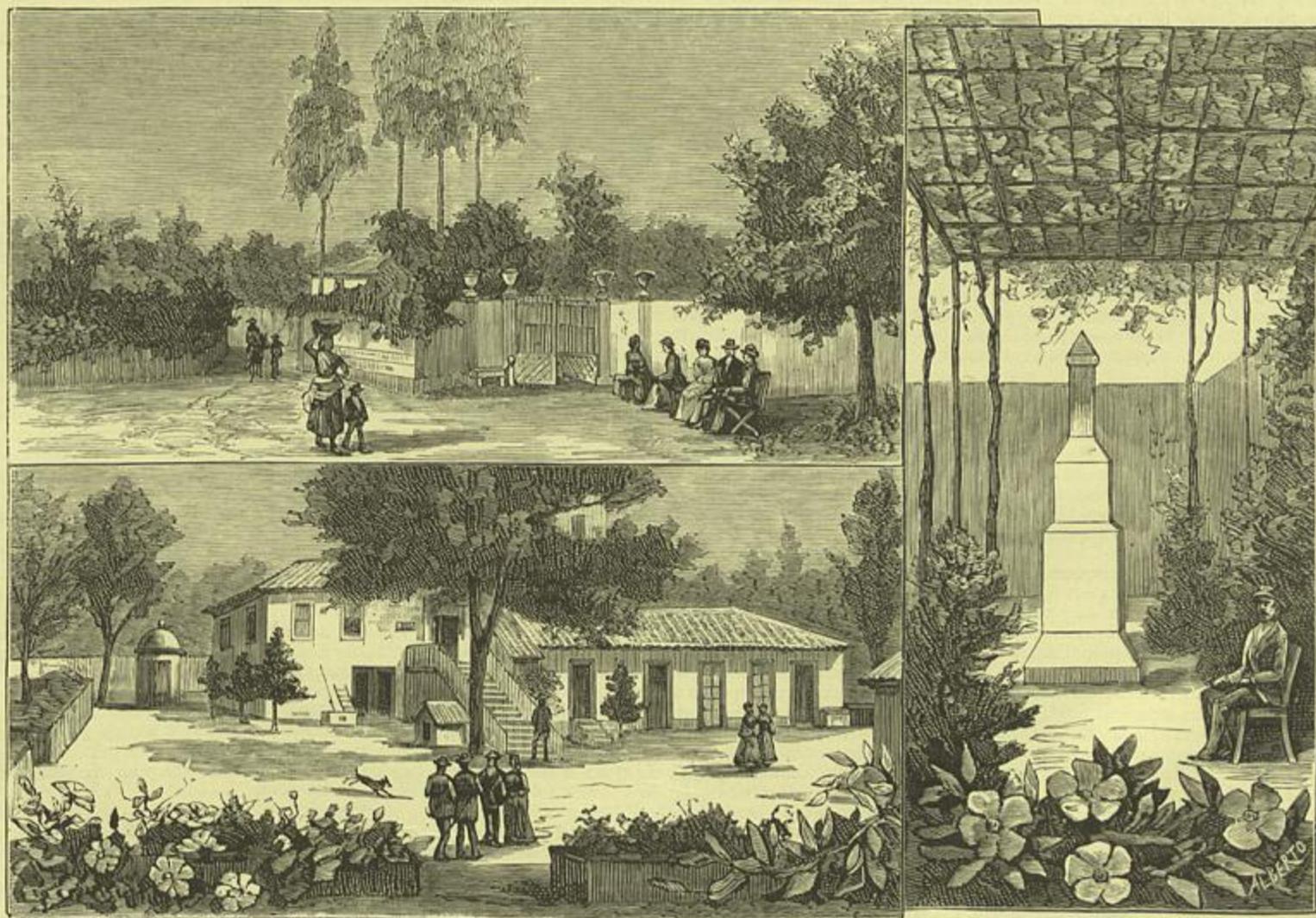
A morte fora occasionada pelo corte da jugular, era evidente, disseram os peritos.

Mas tinha havido um assassinato ou um suicidio?

De encontro a essas interrogações é que se quebraram todas as indagações da policia.

Muitos medicos foram de opinião que a hypothese do suicidio era inadmissivel desde o momento em que a navalha, com que segundo todas as probabilidades o golpe fora dado, se encontrou muito bem lavada, e mettida n'uma gaveta. Entretanto houve uma opinião de que mesmo com todas essas circumstancias o suicidio era possivel, e essa opinião apesar de ser unica era de um medico tão illustre, de tão grande auctoridade pelo seu talento e pela sua sciencia, que foi ella que prevaleceu, que foi ella a base da defeza — defeza entregue a um dos mais eminentes litteratos do nosso paiz, advogado notabilissimo e estadista muito considerado, e que foi finalmente a hypothese que o jury abraçou convencido e que deu a liberdade ao irmão da morta, accusado de ser o seu assassino.

Francisco de Paula Pereira foi dado unanimemente por não culpado, a morte de sua irmã foi considerada como resultante de um suicidio, o processo terminou assim, e nós não temos senão a acatar a decisão do jury.

Entretanto se nada temos que dizer relativamente a esse julgamento temos alguma coisa que dizer ácerca do processo qne lhe serviu de base,

CASA DO SR. VISCONDE DE CORREIA BOTELHO, CAMILLO CASTELLO BRANCO, EM S. MIGUEL DE SEIDE (Desenho do natural pelo artista amador sr. A. Lopes Mendes)

processo que nos pareceu deficientemente organisado e obscuro em muitos pontos.

Por exemplo:

Falou-se em tempo, quando o caso se deu, n'uma historia de propriedades em Belem, envolta em certo mysterio.

E nunca mais se falou n'isso, que o saibamos.

Na casa da rua Formosa, no dia em que appareceu a mulher morta, appareceu uma roupa suja de sangue, e nunca mais se falou n'isso e essa roupa não appareceu no tribunal.

Notaram algumas pessoas que viram o indigitado criminoso no mesmo dia da morte de sua irmã, que elle tinha a barba feita de fresco; uma nota que podia não ser indifferente para o caso, visto a morte ter sido occasionada por um ferimento feito com navalha de barba, e attenta a hora extremamente matinal em que o crime ou suicidio foi praticado, e nunca vimos aproveitar na instauração do processo esse *promenor* que nos parece dever ter sido olhado e estudado com certo escrupulo minucioso.

Entendemos que defronte de um mysterio a policia e a justiça não devem despresar o mais ligeiro indicio, porque muitas vezes a observação apparentemente insignificante traz em si a resolução do problema que se procura.

As instrucções criminaes em Portugal — salvo raras excepções — estão ainda muito atrasadas: d'ahi uns processos pouco claros, que pouco ou nada podem elucidar os juizes.

Isto de processos criminaes, é uma sciencia complicada que demanda além de qualidades especiaes em quem a exerce, uma attenção profundissima, uma investigação laboriosa e persistente.

É por isso que em França ha magistrados especiaes encarregados d'este serviço, e que não fazem outra coisa.

E não pode deixar de ser assim.

É necessario que haja juizes de instrucção, que não tenham mais nada que fazer, mais nada em que pensar, senão na instrucção dos processos criminaes, e que tenham ás suas ordens, ao seu dispor, agentes habilissimos, amestrados n'essa difficil especialidade de justiça criminal, peritos em todos os generos, peritos habeis e zelosos, que o coadjuvem na procura da verdade.

Muitas vezes os crimes apresentam se francamente, claramente, o trabalho da policia e da justiça consiste apenas em organisar o processo sobre bases francas e conhecidas: outras vezes, porém, não acontece isso: os crimes vem embrulhados em densos mysterios, encontra-se um cadaver e não se sabe quem foi o assassino, não ha indicios alguns, ha apenas presumpções vagas, hypotheses ao acaso: ahi é necessario que a policia e a justiça façam de collaboração o trabalho importante de um romancista habil, que trabalhem essas presumpções vagas até as tornarem em indicios provaveis, ou em provas cabaes, e que, quando o crime for apresentado aos juizes, os juizes encontrem desvendados todos os mysterios, aclarados todos os pontos obscuros que envolviam ao principio o crime, que são chamados a julgar.

O caso da rua Formosa passou em julgado: toda a gente faz justiça plena á integridade e á consciencia com que o jury — um dos mais illustrados que tem funccionado ultimamente nos nossos tribunaes criminaes — pronunciou o seu *veredictum;* — e repetimos nada mais temos que ver com esse caso, o que fazemos apenas é, ácerca das lacunas enormes que encontrámos ao ler as bases do processo, empregar todos os esforços ao nosso alcance, para que nos processos criminaes futuros, a justiça e a policia consigam fazer mais luz sobre os mysterios que por ventura envolvam os crimes que forem chamadas a apresentar em juizo.

No theatro de S. Carlos reappareceu a *Carmen* a formosa opera de Bizet e com ella todos os artistas que a representaram na epoca passada á excepção do barytono Sparapani, que na parte de Escamillo foi substituido pelo illustre barytono Cotogni.

Os criticos acolheram de dois modos inteiramente oppostos esta substituição. Uns louvam em absoluto, sem restricções o actual Escamillo, outros censuram-n'o com poucas ou nenhumas restricções tambem. Não estamos de accordo com nenhuma das duas opiniões oppostas.

O sr. Cotogni é um artista extraordinario evidentemente, e deu á execução do *toreador* da *Carmen* um brilho muito superior ao que lhe deu Sparapani, o que nada admira, attentas as differentes graduações que os dois barytonos tem no mundo lyrico. Cotogni é uma notabilidade, é um mestre dos primeiros, Sparapani é um cantor que começa e que começa sem grandes promettimentos.

D'ahi, porém, a dizer que Cotogni fosse o Escamillo ideal, vae uma differença enorme.

E não o foi, porque nem musicalmente nem dramaticamente, o personagem de Bizet é dos que mais se amolda aos extraordinarios recursos artisticos de Cotogni.

Teve phrases ditas explendidamente o illustre barytono, phrases que denunciaram o artista *hors-ligne,* e que levantaram a platéa em calorosa ovação, mas a composição geral do personagem, a execução completa da parte do *toreador,* não foi tão perfeita, tão brilhante como as que estamos acostumados a applaudir em Cotogni.

Novelli a formosa cantora que creou entre nós o delicioso typo de *Carmen,* foi applaudida como o foi no anno passado, e devia sel-o mais ainda, porque n'estes mezes de ausencia estudou mais e progrediu e no seu methodo de canto notam-se esse estudo e esses progressos.

Como interpretação dramatica, a sr.ª Novelli continua a dar-nos muito mais do que poderiamos esperar de uma contora de escola italiana, de uma cantora muito nova ainda e que ainda não dispõe dos completos recursos artisticos, necessarios para reproduzir na scena um personagem tão difficil mesmo para as grandes comediantes como é a heroina da deliciosa novella da Merimée.

De Bassine, esse é que realisa perfeitamente como actor o *Dom José* e que o canta explendidamente com a sua voz nasal, fraca, mas que vibra de paixão e de talento e que faz vibrar a sala de commoção e enthuaiasmo.

A *Carmen* teve este anno um *successo* tão grande ou maior do que teve o anno passado.

Agora prepara-se o *Guilherme Tell* para estreia do barytono Devriès, que nos dizem ser um bello artista e que é um excellente e sympathico rapaz, um perfeitissimo cavalheiro, a quem desejamos sinceramente *bonne chance.*

Gervasio Lobato.

Casa de Camillo Castello Branco

Em S. Miguel de Seide

Vibram ainda na sensibilidade publica as variadissimas impressões occasionadas pelo regresso á patria de dois hemericos varões, que a historia dos grandes descobrimentos para sempre ha de aureolar de gloria nas suas mais brilhantes paginas. Um povo inteiro, em movimento espontaneo, por si, e como representante de uma nação, de que é cabeça, na mais elevada comprehensão do seu dever, foi de braços abertos e com o rir da festa no coração, descobrindo-se com toda a reverencia da veneração, receber e saudar os dois heroes que, de dois homens, passaram a ser uma fulgurante constellação no ceu de Portug l; de individualidades, ao symbolo de uma idéa, a patria; de exploradores, a um importantissimo facto, qual a refutação incontestavel d'essa mentira pusilanime, com que nos calumniavamos, e com que nos calumniavam, de que somos um paiz morto.

Lazaro, colhido pela morte, levantou se evocado pelo verbo poderoso, que lhe dissera *surge.* Se para nós esteve por largos annos mudo, esse verbo soou por fim; e porque um povo não se levanta de um só impulso, como não se ergue um homem, tem-nos levado tempo o levantar-nos; mas temo nos erguido. Não é morto um povo que tem uma historia authentica, e lhe continua as gloriosas tradicções. N'um dia a emancipação, n'outro a independencia, depois as descobertas; a Africa, a India, a America, a circumnavegação do globo; e por fim a conquista do continente negro pela religião, pela justiça, pela liberdade e pelo direito: pela civilisação emfim.

Não é morto um povo que tem monumentos d'arte; e se no passado apresentamos á contemplação do observador os rendilhados graciosos da Batalha, a pujança dos arabescos, o arrojado das columnas a vastidão das abobadas dos Jeronymos, as finas esculpturas de Mafra, a graciosa idealidade da basilica do SS. Coração de Jesus, hoje que as construcções monumentaes vão mudando de indole, temos a affirmar a vitalidade na architectura o palacio municipal de Lisboa; o da Bolsa, no Porto; a reconstrucção do convento dos Jeronymos; a restauração do da Madre de Deus; e tantos outros trabalhos por esse paiz dispersos, a attestarem a existencia de uma nacionalidade, em que vive o sentimento da arte.

Não é morto um povo que tem uma litteratura. Ao padre Vieira no pulpito respondem Alves Matheus, Alves Mendes e Antonio Candido. Ao viajante Fernão Mendes Pinto respondem Serpa Pinto, Capello e Ivens. Aos chronistas que pouco e pouco accumulavam os elementos da patria historia, succede, como historiador, o austero vulto de Herculano, indo-lhe depois na desbravada esteira Rebello da Silva, Latino Coelho e Pinheiro Chagas. Se Camões não teve successor, não o tiveram Tasso e Dante; e em que peze ao merencorio Lord Byron, o *Paraiso Perdido* é incontestavelmente o primeiro poema de Inglaterra. Não obstante a litteratura poetica tem sido continuada entre nós com fervor; que o digam as esplendidas encarnações que se chamam Almeida Garrett, Visconde de Castilho, Mendes Leal, Thomaz Ribeiro, João de Deus, Bulhão Pato, Macedo Papança e Guerra Junqueiro.

A Marcos Antonio Portugal, José Mauricio e Casimiro succedem Augusto Machado e Visconde do Arneiro nomes venerados na arte musical.

A arte de arrancar á materia bruta e informe a forma viva, palpitante de intelligencia e de sentimento não morreu com Machado de Castro. A historia da estatuaria em Portugal, desenvolvida, senão creada na basilica de Mafra, projecta os raios do genio portuguez até aos mais sumptuosos monumentos do Brasil, depois de ter affirmado a existencia da arte no formoso arco monumental da Praça do Commercio. Um povo que em poucos annos tem de extremo a extremo rasgado o solo do seu paiz, abrindo o á circulação e ao movimento; que no campo da vida pratica ensaia industrias novas; no da vida social garante a liberdade individual e a inviolabilidade da vida humana, e no campo da vida moral glorifica os seus grandes homens quer pertençam ao passado — Camões e Pombal — quer pertençam á geração que vive, sente, pensa, trabalha e produz — Capello e Ivens; — esse povo anima-se de uma vitalidade poderosa, levanta-se, accudindo ao magnetico verbo que o chama. Repousando um pouco de fatigado perdera a orientação, mas desde que as labaredas do patriotismo arderam na sarça mistica da alma nacional, depõe o batalhador do passado a poeirenta e corroida armadura, e eil-o franqueando confiadamente o caminho do futuro: vestindo a blusa do operario empunha os instrumentos do trabalho intelligente e livre, e ostentando estes nobres diplomas reclama o seu logar no convivio da civilisação.

O verbo sacrosanto que evocou o novo Lazaro não falou pela bocca de um só homem. Uma de suas notas mais vibrantes foi-lhe communicada pelo infatigavel trabalhador, que hoje se chama Visconde de Correia Botelho, e que para a litteratura nacional será perpetuamente Camillo Castello Branco.

A poderosa luz d'este grande espirito ao mesmo tempo que lhe consumia e atrophiava as forças physicas, fazia vibrar todas as cordas do sentimento humano, arrancando aos mais escuros recessos da lingua portugueza inexgotaveis thesouros de energia e precisão, que rivalisam no vigor propriedade e colorido da phrase com a palheta mais palpitante de vida e inspiração. Seus numerosos livros, filhos de uma uberrima fecundidade, fazendo entrar a lingua portugueza em um novo periodo de desenvolvimento, são uma eloquente affirmação da existencia da vitalidade nacional.

Camillo é um symptoma de vida; e bem o comprehendeu o rei, como chefe da nação, e a nação unindo se ao rei para collaborarem ambos na distinção honorifica, com que ha pouco o nobilitaram, ou antes nobilitaram o titulo que lhe foi conferido. Isto, porém, não basta; e o futuro se encarregará de nos dar rasão. Por agora, referindo-nos ao eximio escriptor de quem mais d'espaço se occuparam já as columnas do OCCIDENTE, seguimos no empenho de archivar n'esta publicação os monumentos que se referem aos nossos grandes homens. Ás casas onde nasceram ou falleceram Castilho, Herculano, Garrett, accrescenta-se n'este numero a casa de habitação de Camillo Castello Branco, em S. Miguel de Seide: esse pacifico retiro que tem visto lapidar as gemmas mais preciosas da ultima feição litteraria do nosso primeiro estilista. Foi n'este modesto retiro, que, d'entre as excruciantes torturas de aggravados padecimentos, surgiu essa gargalhada mephistophelica que se chama *Maria da Fonte,* por entre cujos rictos se infiltram reverberações da mais delicada sensibilidade, onde á ironia mais pungente se allia a lagrima mais crystalina que póde accrisolar-se na alma do homem.

Como dependencia da casa accrescentamos o portão da quinta em que se acha construida, e por ultimo o monumento commemorativo da visita feita em outubro de 1866 ao futuro Visconde de Correia Botelho, pelo então futuro Visconde de Castilho.

É esse monumento uma piramide de granito em cujo embasamento se lêem as seguintes inscripções:

Na face voltada ao nascente

ANTONIO
FELICIANO
DE
CASTILHO
PRINCIPE
DA LIRA
PORTUGUESA
ESTEVE
N'ESTE LUGAR
EM 10 DE JULHO
DE 1866
MANDOU ERIGIR
ANNA PLACIDA.

Na face opposta eis a inscripção:

COM
OS SEUS
DISCIPULOS
THOMAZ RIBEIRO
EUGENIO DE CASTILHO
J. C. VIEIRA DE CASTRO
C. C. BRANCO

S. Miguel de Seide é uma pequena e modestissima aldeia proximo a Villa Nova de Famalicão, no districto de Braga. Ainda hontem desapercebida na topographia d'esse Minho tão pittoresco e tão falado, tem hoje n'elle logar de honra; e quando no futuro o viajante visitar aquelles logares, ao ouvir dizer — é além S. Miguel de Seide — ha de descobrir-se respeitoso.

Loulé *Silva Mattos.*

INDUSTRIA PORTUGUEZA

Empreza Ceramica de Lisboa

Em principios de 1883, com o fim de desenvolver o fabrico de productos ceramicos para construcções, principalmente o de telhas typo marselhez, fabrico começado em 1879 n'uma fabrica em Alcantara, fundaram os tres socios da antiga *Empreza Ceramica*, srs. Ricardo Loureiro, Eduardo Lupi e Carlos Bandeira de Mello, uma sociedade anonyma de responsabilidade limitada com o capital de 130:000$000, sociedade que, para conservar quanto possivel o nome acreditado da primitiva, denominaram *Empreza Ceramica de Lisboa.*

Formada esta sociedade, de que ficaram directores os tres socios da antiga, trataram estes da construcção d'uma nova fabrica, para o que adquiriram na quinta do Bahute, adjacente á avenida que vae ao cemiterio dos Prazeres, do lado do norte, uma zona de terreno medindo cerca de treze mil metros quadrados e convidaram os dois distinctos engenheiros srs. José Emilio de Sant'Anna da Cunha Castel Branco e Antonio Lourenço da Silveira a elaborar os projectos e dirigir as construcções que as nossas gravuras representam.

Na primeira veem se os edificios principaes da fabrica do lado do nascente; o edificio da esquerda do observador é o das machinas; o da direita o do forno. Na segunda vê-se do lado esquerdo o corredor que circunda o forno e do lado direito a galeria interior do mesmo forno. Na terceira está representada a parte superior d'elle e os enxugadouros contiguos. A quarta mostra uma das prensas de cunhar as telhas, e a quinta representa o grande motor que põe em movimento todas as machinas da fabrica.

A materia prima, *marne argiloso*, é explorada em grande parte dentro dos terrenos da fabrica do lado do poente, e alli accumulada para soffrer pela acção dos agentes atmosphericos uma especie de fermentação, que melhora as suas qualidades; em seguida é transportada para uma curtadeira que a reduz a pequenos fragmentos, sendo depois convenientemente empilhada e regada para se embeber da agua necessaria para o ulterior fabrico.

Das pilhas passa depois de cortada, para uma série de cylindros laminadores, dos quaes sahe para sobre telas sem fim, onde se lhe tiram os bocados de calcareo que quasi sempre enquinam os marnes argilosos. Do ultimo laminador, em que passa a uma espessura inferior a um millimetro, vae o barro para uma machina que o torna homogenio pela amassadura e o faz sahir depois por fieiras diversas, que o convertem em tijolos ou n'umas peças chatas, que na fabrica designam com o nome de *lastras* e que servem para fazer as telhas.

Os tijolos vão directamente da machina para enxugadouros no pavimento terreo; as *lastras* para telhas vão a cunhar ás prensas, e em seguida, em carros especiaes por meio de elevadores, vão para as estantes de enxugo, collocadas nos pavimentos superiores.

Depois de enxutos tijolos e telhas são conduzidos em vagonetes á galeria interior do forno, onde se arrumam convenientemente, as telhas sobre os tijolos, para serem cosidas.

A alimentação do forno em relação a combustivel é feita por uma especie de chaminés deixadas na massa dos productos e em communicação com aberturas praticadas na abobada do forno e cobertas com tampas de ferro representadas na terceira gravura. O combustivel deitado por essas chaminés arde sobre a soleira do forno; a combustão é alimentada com ar aquecido por atravessar os productos cosidos, e os gazes d'essa combustão vão a seu turno, aquecer os productos que estão para coser, n'uma extensão de cerca de vinte e quatro metros, antes de entrarem na chaminé, para onde passam por aberturas praticadas na parede interior da galeria do forno.

Depois de cosidos e devidamente arrefecidos os productos são desenfornados; cuidadosamente escolhidos e classificados e em seguida arrumados ao ar livre para serem entregues ao consumidor.

Toda a disposição da fabrica indica ter presidido áquella installação pessoal intelligente e cuidadoso. O motor, representado na gravura quinta, é uma magnifica machina Fascat correspondente a vinte e cinco cavallos, alimentada por uma caldeira tubular do systema Nayer, systema muito vantajoso pelo pequeno espaço necessario para a sua installação, pela sua economia e principalmente por não ter o perigo de explosão. O assentamento d'esta caldeira do motor e do restante machinismo foi dirigido pelo habil engenheiro machinista Caetano de Figueiredo.

Os productos da Empreza teem sido objecto de curiosos estudos de engenheiros e architectos portuguezes, estudos publicados nos catalogos que a Empreza distribue, e foram premiados nas exposições de ceramica do Porto de 1882, agricola de Lisboa de 1884 e internacional de Londres do mesmo anno; primam especialmente pela belleza da côr, pela lisura da superficie, pela grande resistencia e pela impermeabilidade.

É digna de toda a consideração esta industria que veio contribuir em grande parte para a barateza das construcções modernas melhorando-as ainda sob os pontos de vista estetico e hygienico.

R.

AS NOSSAS GRAVURAS

MELHORAMENTOS DE LISBOA

O ASCENSOR DA CALÇADA DA GLORIA

Lisboa acaba de ser dotada com mais um melhoramento importante, que é a continuação do estabelecido na calçada do Lavra desde maio de 1884, e que promette completar-se em breves annos, construindo nos grandes declives da cidade, ascensores para o transporte facil e economico dos seus habitantes.

No dia 31 do mez findo foi aberto á circulação publica o ascensor da calçada da Gloria, e a maneira como o publico recebeu esta innovação, demonstra cabalmente a sua grande utilidade.

Com respeito ao systema adoptado para estes ascensores, acha se minuciosamente descripto a paginas 100, 101 e 102 do nosso 7.º volume, por occasião do primeiro ascensor estabelecido em Lisboa na calçada do Lavra, e ainda a paginas 101, 103 e 104 do 5.º volume do OCCIDENTE, com respeito ao ascensor do Bom Jesus de Braga, onde primeiro se ensaiou e estabeleceu este meio de transporte, em Portugal.

O ascensor da calçada da Gloria, mais feliz, porventura, que o seu irmão primogenito da calçada do Lavra, veio confirmar de um modo positivo a grande vantagem d'estes elevadores, e este com especialidade, porque reune á vantagem pratica, a aspiração platonica de se subir a Gloria por um vintem cada cabeça, o que não é para desprezar n'estes tempos de tantas aspirações.

Mas, independente d'estas vantagens, tem ainda outra muito mais importante a qual é a de ter quebrado o enguiço, que parecia haver para o desenvolvimento d'este grande beneficio á capital, enguiço causado pelo pouco resultado obtido na exploração do ascensor da calçada do Lavra, o que não devia fazer desanimar os emprehendedores d'este melhoramento, porque a concorrencia do publico alli é muito limitada, com ascensor ou sem elle.

Para o lado occidental da cidade o movimento da população é muito maior, e portanto a exploração dos ascensores muito mais productiva.

Os resultados já obtidos no elevador da calçada da Gloria, animam a exploração de novas vias, e é assim que se projectam e tratam de pôr em pratica, na calçada da Estrella ou travessa de Santo Amaro, na Bica de Duarte Bello, na rua das Flores, na rua da Imprensa Nacional, na calçada dos Paulistas e para o monte da Graça, cujos habitantes pedem este melhoramento em um abaixo assignado com mais de mil assignaturas.

É possivel que uma ou outra via de elevadores, não dê sufficiente resultado economico para a empreza, mas uma rede de elevadores bem combinados, affigura-se-nos que deverá produzir importantes lucros para a empreza, e proporcionar grandes commodidades ao publico, que tem de caminhar n'uma cidade tão accidentada como é Lisboa.

O moderno movimento geographico em Portugal

(Continuado do n.º 247)

Não deixou de ser interessante a viagem, onde nos esperavam varios episodios, inclusive o de nos ficarem retidas na fronteira as nossas bagagens, graças á impenetravel brutalidade de um *jefe de aduanas*, que só as largou, mandando-as para Madrid, para onde seguiramos, á vista de uma ordem do ministerio respectivo. Isto, porém, depois da intervenção do nosso embaixador o sr. D'Antas, cavalheiro a quem recorremos telegraphicamente logo depois do succedido e que, prompta e cavalheirosamente, tratou de remediar o caso, procurando de seguida o sr. Silvela, então ministro da fazenda, com quem só poude avistar-se cremos que á meia noite do dia, em que nos succedeu tão aborrecido contratempo. Tivemos por isso de nos demorarmos em Madrid até nos serem entregues as nossas infelizes bagagens, descançando a tal respeito tão sómente depois de recebida do nosso ministro junto á côrte de Hespanha, communicação do telegramma seguinte, enviado ao sr. Silvela, pelo director da alfandega de Badajoz:

«Cumpliendo telegrama de V. Ex.ª ha salido el equipage del Sr. Rodriguez por el tren correo de hoy, consignado para maior seguridad á la direccion de aduanas.»

Chegados a Santander, tivemos de seguir para Bayonna de noite e n'um pequeno vapor de carga, sem commodidades de especie alguma, pois nem beliche encontrámos onde podesse descançar a esposa de quem escreve estas linhas, passando assim uma das peiores noites, que temos tido em nossa vida. Era mister porém que chegassemos a Paris com a maxima brevidade. A exposição geographica, que fora inaugurada, lá estava com a sala portugueza, silenciosa e deserta, a pedir-nos auxilio e diligencia...

Como se trata de nós e é conhecido o velho rifão de que — louvor em bocca propria é vituperio — rifão, diga-se entre parenthesis, que é o S. Martinho dos ineptos e mandriões, limitar-noshemos a extractar de um jornal do tempo — *Diario de Noticias* de 13 de agosto de 1875 — a nota dos resultados que, pela nossa boa vontade e inquestionavel presteza, conseguimos obter para Portugal.

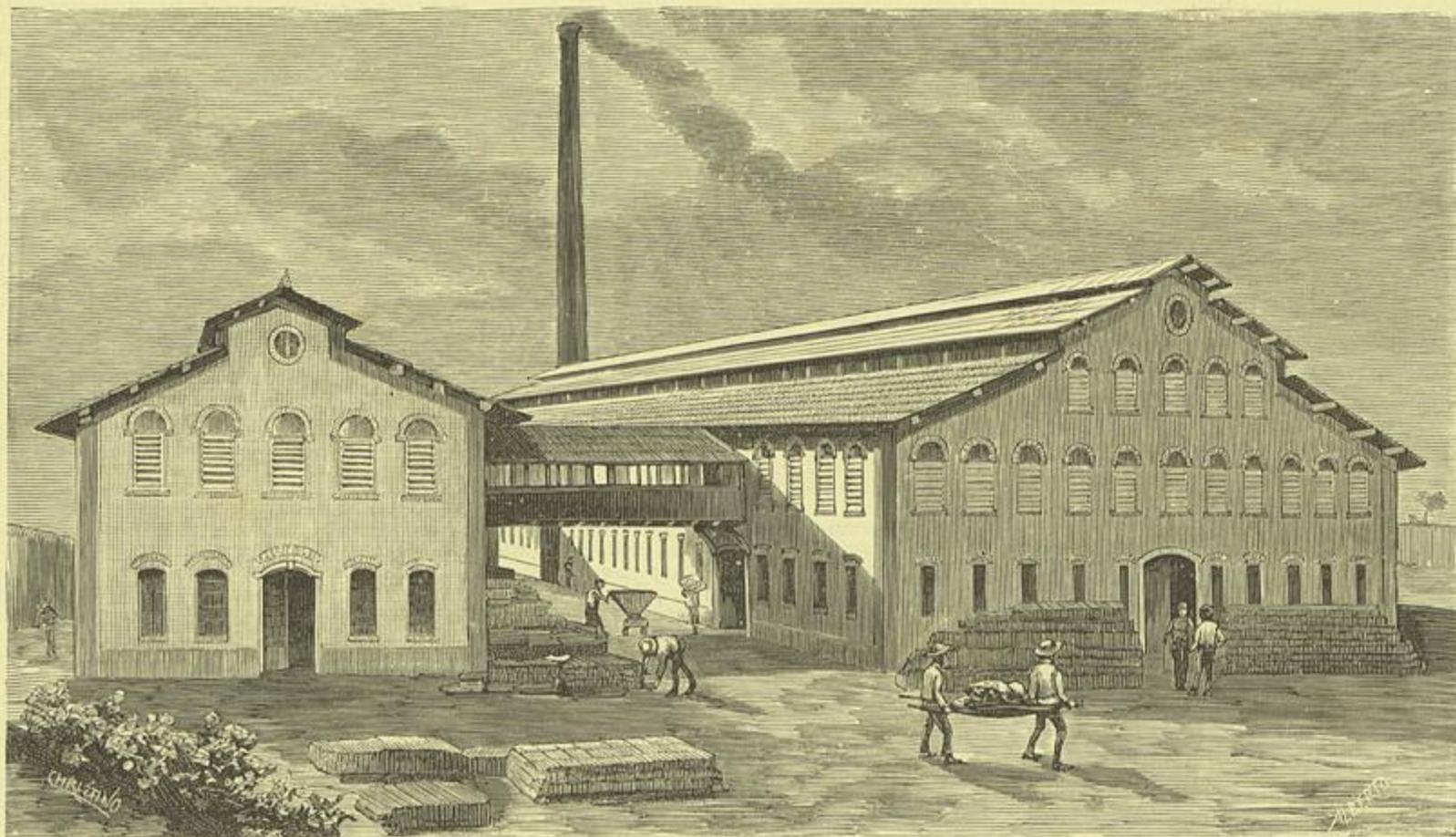
Ninguem poderá censurar-nos por que assim façamos, porquanto, escrevendo a respeito de acontecimentos, em que interviemos por modo tão decisivo, não havemos, por um sentimento de desatinada modestia, esconder a parte que n'elles tivemos, podendo a muitos, por outro lado, parecer tolice que, onde tantos encarecem serviços, que nunca praticaram, estejam outros a occultar aquelles, que são uma das melhores e mais sadias recordações da sua vida publica, isolada mas independente.

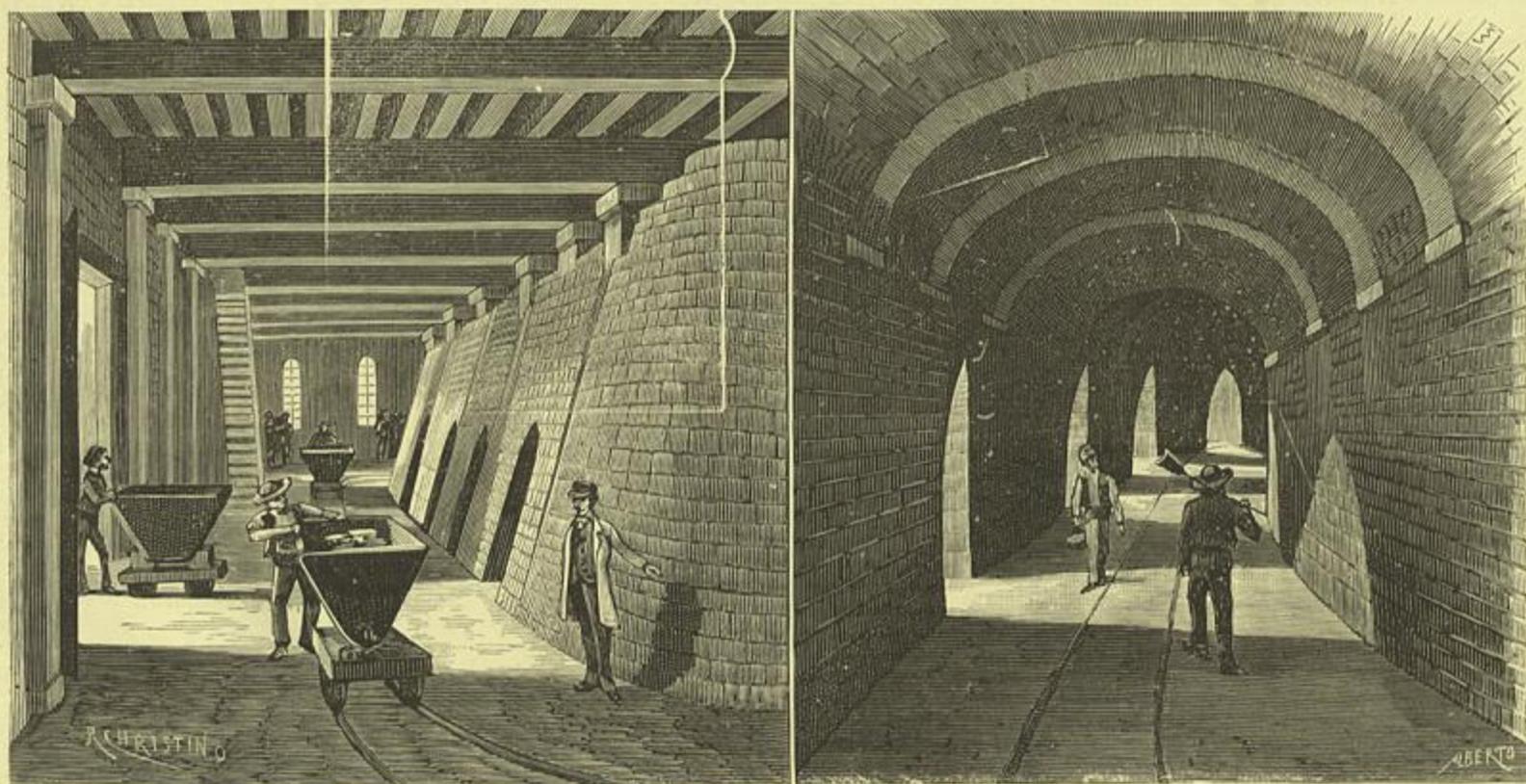
Nem é com luminarias que, exclusivamente, se ha de escrever entre nós a historia patria, nem com ella lograrão tão pouco os ambiciosos e furavidas apagar os serviços e qualidades dos que, vivendo com a sua consciencia, sabem manter-se no voluntario sequestro em que, por enfastiados e descrentes, desde muito se estabeleceram.

Segue o trecho, a que alludimos.

*
* *

«Quando aqui chegou o encarregado do nosso governo, já o jury estava quasi a encerrar os seus debates, devendo no dia seguinte ser a ultima sessão. V. conhece de certo as rasões porque em Lisboa se providenciou tão tarde sobre o assumpto. A sala de Portugal estava absolutamente nua e tanto já se reputava problematica a exposição

INDUSTRIA PORTUGUEZA

EMPREZA CERAMICA DE LISBOA — Vista exterior da fabrica (Desenho do natural por J. Christino)

portugueza que os estados da Colombia e varios expositores começavam a encher as paredes da sala, ao mesmo tempo que o jury transportava para lá as suas sessões! Parece que o delegado do governo, o sr. dr. J. J. Rodrigues, para chegar mais depressa, desembarcára em Bayona e seguira immediatamente para Paris, onde chegou no dia 30, tratando logo de prevenir o commissariado da exposição da chegada dos productos portuguezes, e (cousa que me parecia impossivel) arranjar artistas que em dois dias, sabbado e domingo, moldurassem muitas dezenas de quadros, parte dos quaes de grandes dimensões, collando mappas sobre cartão, envidraçando convenientemente as molduras, etc. O trabalho fez-se com presteza, mas o delegado viu-se obrigado a pedir em sessão geral do jury que este dilatasse o praso final das apreciações. Foram acceites as suas propostas. Não paravam, porém, alli as difficuldades; era necessario afastar da sala os estados invasores, e ainda que a custo, tambem obteve que o deixassem só. A ultima hora, porém, faltava ainda quem, com a maxima rapidez, fizesse os rotulos necessarios para designação dos productos. Emfim, na terça feira seguinte, estava a sala de Portugal completamente cheia, quasi de todo installada, mais bonita do que um grande numero de salas de estados importantes, e muita gente começava a dizer que, apesar de ser um dos ultimos, Portugal se mostrava um dos melhores expositores. Ainda bem. Os portuguezes aqui residentes alegraram-se muito com isto, porque era triste a figura que estavam fazendo com a ausencia absoluta de productos. Todos a

EMPREZA CERAMICA DE LISBOA — Vista exterior do forno e galeria interior do forno (Desenho do natural por J. Christino)

censuravam e todos a lamentavam. Como testemunho da excellente figura que fizemos bastará citar as recompensas de que o seu jornal, sempre bem informado, já de certo a estas horas terá dado conta. A mais elevada recompensa da exposição foi concedida á direcção geral dos trabalhos geodesicos, *une lettre de distinction*, pelos seus trabalhos topographicos e processos artisticos. O serviço photographico foi muito admirado, e todos procuravam vêr os specimens, na verdade curiosos, que apresentámos. Umas poucas de medalhas de primeira classe foram distribuidas pela commissão geologica, observatorio meteorologico, governo portuguez (trabalhos do visconde de Santarem).

O relatorio apresentado ás camaras pelo sr. ministro da marinha foi contemplado com uma medalha de 2.ª classe. Foi apreciado em subida conta; a sua natureza de trabalho parlamentar e a sua extensão foram as unicas causas que impediram maior recompensa. Outras medalhas de 2.ª classe foram concedidas ao sr. Perry, pelos seus trabalhos estatisticos e publicações destinadas á diffusão dos conhecimentos geographicos; ao sr. João Maria Baptista pela sua excellente corographia, ultimamente impressa na academia das sciencias; á secção hydrographica (direcção geral dos trabalhos geodesicos) pelas suas cartas (o pequeno numero das cartas apresentadas impediu maior recompensa); ao sr. D. José de Lacerda pela sua analyse de trabalhos de Lewingstone.

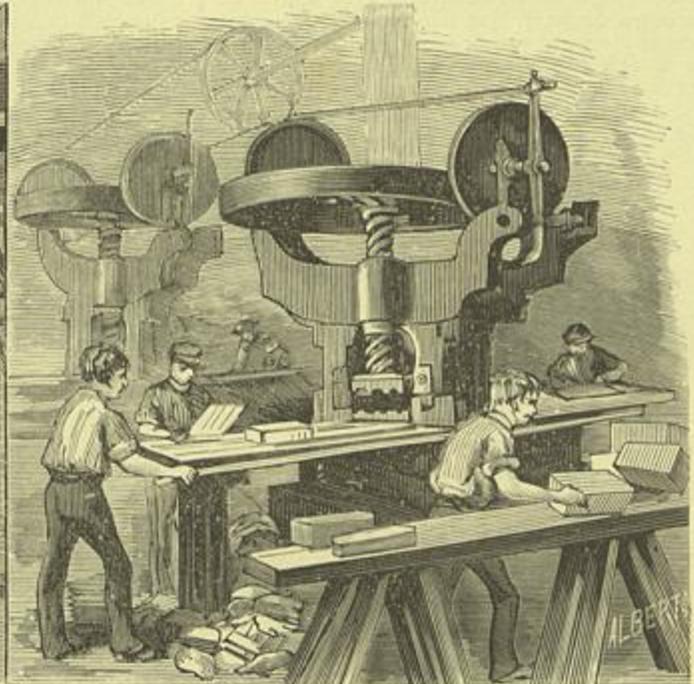
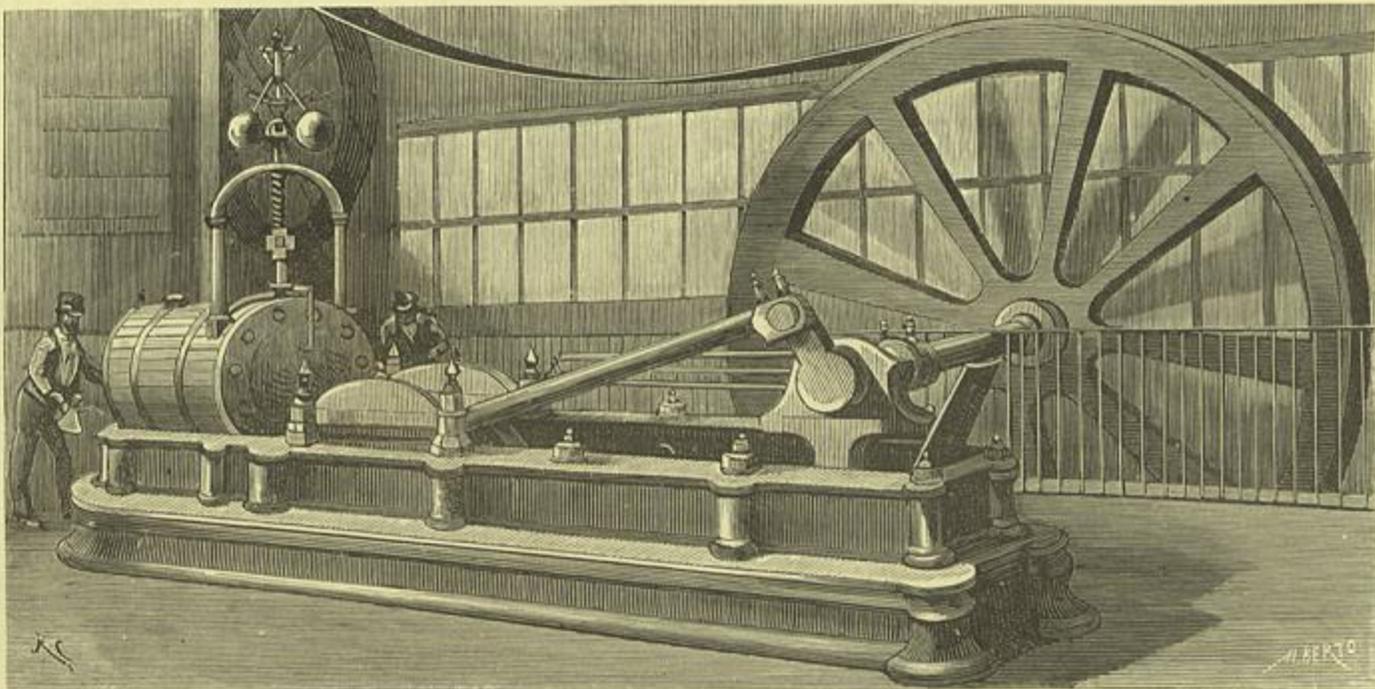
Como vê, difficilmente poderiamos ter maior numero de recompensas, por quanto todos os productos apresentados foram devidamente apreciados. Proporcionalmente Portugal é uma das primeiras nações, quanto ao numero de premios que lhe couberam.

A nossa sala apresentava duas grandes pinturas com as armas de Portugal, pinturas enfeitadas com bandeiras portuguezas, n'uma das paredes intermedias lia-se o nome de Portugal, excellentemente pintado em taboleta propria; possuimos duas grandes mesas de seis metros cada uma (completamente cheias); todas as quatro paredes estavam cheias de quadros e havia duas vitrines, uma de pouco mais de um metro quadrado, outra de perto de quatro metros quadrados (tambem cheias ambas!) A maior parte dos productos (1) trouxera-os o delegado, e fôra tudo arranjado, segundo me consta, á ultima hora, pelo ministro da marinha e por elle.

Se não fossem a actividade então desenvolvida, em vez de pequena gloria que agora teve Portugal, teriamos passado pela maior das vergonhas! Nada vinha e a sala com o nosso nome ficava eternamente á nossa espera! O sr. Mendes Leal, cavalheiro estimadissimo em Paris e muito apreciado aqui pelos seus talentos e saber, tinha feito o possivel para nos guardar espaço conveniente; conseguira-o, mas os productos não os podia s. ex.ª fabricar. Foi uma providencia o elles vi-

(1) Todos.

INDUSTRIA PORTUGUEZA — EMPREZA CERAMICA DE LISBOA

PAVIMENTO SUPERIOR DO FORNO E ENXUGADOUROS — MACHINAS DE FABRICAR A TELHA

O MOTOR (Desenhos do natural por J. Christino)

rem. Um dos portuguezes aqui residentes, «que está um dos secretarios do congresso», e que tem feito excellente figura, estimado e apreciado por todos, é o nosso amigo Vasconcellos e Abreu, que está em Paris, estudando sanscripto. N'um d'estes ultimos dias teve de fazer a acta de uma das grandes sessões geraes e desempenhou-se perfeitamente do encargo.»

*
* *

As instrucções que, em Lisboa, receberamos do sr. Andrade Corvo, a impossibilidade, sem desdouro proprio, de ter a nossa intervenção nas cousas portuguezas do congresso geographico de Paris outro caracter, que não fosse o que devia realmente competir a um commissario extrangeiro junto á exposição respectiva, a declaração escripta do sr. Mendes Leal, em carta que S. Ex.ª nos dirigiu em 11 de agosto, e na qual nos dizia expressamente que nos deviamos considerar, para todos os effeitos, como investidos d'aquella qualidade e como tal proceder, por quanto, muito embora não estivesse officialmente declarada, resultava do proprio encargo, que nos fôra commettido — definindo e auctorisando o nosso procedimento — simplificou o expediente de todos os nossos trabalhos e propositos, facilitando-nos consideravelmente o exito das nossas melhores diligencias.

(Continúa) *José Julio Rodrigues.*

Quinto centenario da batalha de Aljubarrota

UMA PAGINA DA HISTORIA DE PORTUGAL

(Concluido do numero 247)

Com respeito ao heroico procedimento de Brites de Almeida, a afamada padeira de Aljubarrota, vejamos o que diz Alexandre Herculano em um interessante artigo por elle publicado, e em que reune todos os dados historicos que fazem luz sobre o caso.

«Das muitas tradições populares de Portugal, uma das vulgarisadas e acceitas é a da famosa padeira de Aljubarrota que, depois da batalha dada junto áquella povoação, entre D. João I de Portugal e D. João de Castella, matou sete Castelhanos com a pá do forno... Se imaginarmos que uma mulher, armada com uma pá, venceu e derrubou sete soldados em peleja egual, a tradição é absurda e incrivel; mas, se attendermos a que estes sete homens podiam ser assassinados depois da batalha, quando as gentes de el rei de Castella, cheias de fome e cansaço, se derramaram pelos arredores de Aljubarrota, sem offerecerem a minima resistencia a quem os accommettia, de que são testemunha os antigos chronistas, então a façanha da celebre padeira, perdendo grande parte do seu maravilhoso, se torna possivel. Reduzido assim á possibilidade, este successo tradicional, quer real, quer fabuloso, tem em qualquer dos casos um valor historico, porque é um symbolo, uma expressão da idéa viva e geral dos Portuguezes d'aquelle tempo, o odio ao dominio estranho, e o rancor com que todas as classes de individuos guerreavam aquelles que pretendiam sujeital-os a esse dominio. A força de similhante idéa, ou antes sentimento, enraisado nos animos, e lançado n'elles, além de outras circumstancias, pelo caracter das nossas instituições primitivas, dá a razão por que, durante uns poucos de seculos, este cantinho de terra, dividido da grande monarchia castelhana, soube resistir áquelle colosso até que, corrompidos os brios nacionaes com o oiro e vicios do reinado de D. João III, veio Portugal a succumbir aos pés do seu temeroso rival, d'onde só o poderam fazer alevantar affrontas e oppressões de sessenta annos. Se, pois, a padeira de Aljubarrota é um *mytho*, uma invenção popular do seculo XV, nem por isso o desprezemos. Um povo que deve a uma mulher odio bastante contra os oppressores estranhos para haver de assassinar a sangue frio sete d'esses inimigos; um povo, dizemos, que assim symbolisava o seu modo de sentir a tal respeito, devia saber sustentar a independencia nacional.

«Todavia não seremos nós que desterremos para o mundo dos phantasmas a famosa Brites de Almeida, forneira de Aljubarrota. Deixaremos os leitores ajuizarem da realidade ou não realidade da sua existencia, pondo aqui as observações historicas que em diversos tempos se fizeram a este respeito.

«Segundo o testemunho de fr. Manoel dos Santos, o chronista-mór fr. Francisco Brandão fez em 1642 tirar um summario de testemunhas na villa de Aljubarrota, em que juraram as pessoas mais antigas d'aquelles sitios e do qual constava ter-se ahi conservado inalteravel a tradição d'aquelle successo, guardando-se a pá nos paços do concelho, a qual era de ferro com um cabo mais moderno de pau. N'este summario se dizia que Brites de Almeida se chamava por alcunha a *Pisqueira*, e tinha a padaria na rua direita da villa, junto ao celleiro dos frades de Alcobaça. É esta a memoria escripta mais antiga que nos resta ácerca da celebre padeira de Aljubarrota. Agora transcreveremos uma passagem de um livro pouco lido (e que merecia outro fado) a qual nos parece a mais curiosa de quanto a este respeito se encontra nos nossos escriptores. Eis o que diz José Soares da Silva no tomo 3.º das Memorias de D. João I cap. 260:

«Por noticias produzidas da diligencia que, por ordem do illustrissimo bispo de Leiria, D. Alvaro de Abranches, a instancia minha, se fez na mesma villa (Aljubarrota) depoz o parocho da dita freguezia (S. Vicente) e outras pessoas não menos fidedignas que era constante aquella tradição; e juntamente declararam o logar em que hoje (1732) se guarda esta pá, que desde então conservou tanta fé, que não só a levavam na procissão, que todos os annos faziam no mesmo dia 14 de agosto; mas quando este reino passou ao dominio de Castella, temendo os moradores d'esta villa que Filippe II quizesse extinguir-lhe esta memoria, consumindo o instrumento d'ella, houve um homem dos seus mais principaes, por nome Manoel Pereira de Moura, que a metteu dentro de uma parede que se

O CRIME DO CORREGEDOR

(Continuado do n.º 245)

XI

Desforra de usurario

Muito esperançado ficára o capellão, aguardando que o *Frade* voltasse breve.

Mas á proporção que os dias se iam succedendo, pouco a pouco foi desanimando, por que nem o *Frade* voltára, como promettera, nem mandava tão pouco contas de si.

A sua inquietação, porém, subiu de ponto quando casualmente lhe vieram referir que o *Frade* alugára na cidade uma cavalgadura para o conduzir ao Casal do Bravo, e que n'essa mesma noite o animal regressára a casa, com o grande instincto proprio de cão de caça.

Das suas pesquizas a esse respeito, nada colhera que o orientasse.

Teria succedido ao *Frade* alguma desgraça? Ficou apprehensivo o bom do capellão

Bem depressa, porém, os seus receios se justificaram plenamente

No dia seguinte, logo depois da oração da manhã, quando ia para o oratorio, veio um criado com uma carta para elle, dizendo que a trouxera n'aquelle momento um homem desconhecido, o qual ficára esperando pela resposta, no atrio do palacio.

Abriu a carta de um modo indifferente, cuidando ser impertinencia de algum insoffrido crédor do fidalgo, ou pretensão importuna de algum requerente chronico, mas logo ao ler as primeiras palavras, ficou como que assombrado e gritou.

—Tragam immediatamente á minha presença esse homem.

A carta era assignada por frei José de Santa Maria e denunciava ter sido escripta com grande constrangimento, em razão da letra tremida e da maneira porque estava redigida.

«Reverendissimo senhor. — Acabo de ser roubado por uma quadrilha de salteadores que me sairam ao caminho, á entrada do Pinhal Novo. Moeram-me o corpo com pancadas e teriam dado cabo de mim, se não lhes houvesse promettido a quantia de cincoenta moedas de que, que vossa reverendissima poderá haver do meu guardião no convento da ordem a que pertenço em Setubal, a quem dará noticia do que me é succedido e da desgraça e apuro em que estou, enviando, por signal do meu infortunio, essas reliquias e esse escripto que me elle mandou e logo que d'elle haja o dinheiro que peço, tudo me faça logo entregar, indo deixar fóra dos muros da cidade debaixo da terceira lage, vindo da fonte, como prometti a estes homens, sob palavra de não os molestar quando lá forem por tudo, por que aliás seria morto por elles e vossa reverendissima bem sabe que serviço lhe presto fazendo por livrarme com vida das mãos em que estou mettido.»

Ao terminar a leitura d'esta carta, o capellão tocou impaciente com muita força a campainha.

Estava furioso, cheio de uma grande indignação.

Quando cuidava ter de uma vez limpado a provincia de malfeitores, redobravam elles de audacia nos seus commettimentos.

O general das armas, forçado a entrar em negociações com os salteadores, era a extrema affronta.

Se não receiasse pela vida do frade, que tão bons serviços lhe prestára e de que tantos outros esperava ainda, se não o animasse a idéa da desforra, teria resolvido já alli, n'esse momento, um dos seus golpes de mão.

Estava-lhe isto no pensamento a tental-o.

Primeiro que tudo era prender o portador d'essa carta, depois obrigal-o a confessar de quem a recebera, a justificar a sua idoneidade, e quando se recusasse, pol-o a trat s, esmagal-o na tortura. Em seguida mandar bater o pinhal, lançar-lhe fogo se tanto fosse preciso, pôr a provincia em estado de sitio, acabar por uma vez com aquelle estado de coisas, que era uma inquietação permanente.

Mas tudo isto era impossivel, era impraticavel, por que elles iriam vingar-se no pobre frade, no misero carmelita que conservavam em refens.

Não havia remedio senão pactuar, tornar-se diplomata com os salteadores, arrancar lhes das mãos frei José de Santa Maria.

N'isto chegou o criado trazendo-lhe a boceta que acompanhava a carta e a que alludia o conteudo d'ella

O capellão indignou se.

Se não fosse attender ao respeito devido a tão sagrado deposito, no estado de excitação em que sua reverendissima estava, teria atirado com tudo á cara do criado.

O que elle queria era que lhe trouxessem o portador da carta.

Mas esse havia desapparecido.

Considerando porém o caso mais friamente, achou que não era logico que o portador de uma carta d'aquella ordem esperasse pela resposta.

Mas tratava-se de salvar um homem de quem precisava, e portanto puxou pelos cordões á bolsa sem esperar pela do guardião, e contou, cincoenta moedas em bom ouro de lei, indo ao logar designado depositar tudo, elle proprio, por julgar não dever confiar de mais ninguem esse segredo.

Foi isto a uma quinta feira, de noite, a horas mortas.

Desde então ficou esperando a todo o momento novas de Frei José.

Esse dia passou lentamente. Cada hora parecia-lhe um seculo.

Logo que chegou a noite dirigiu-se ao mesmo sitio em que deixára o dinheiro, mas já não o encontrou lá.

Roubado estava elle, e só lhe restava saber se o logro teria sido completo, se os salteadores faltariam ao ajustado.

Esperou um dia mais e ainda outro, mas do *Frade* não havia noticias.

Começava a desanimar.

Ao quarto dia já elle resava pela alma do pobre religioso carmelita, quando lhe vieram dizer que estava alli á porta o sr. frei José de Santa Maria.

Não esperou que subisse.

Correu pessoalmente a ir recebel-o.

Escusado seria dizer que tudo isto, desde a historia da carta, havia sido obra do ladino *Frade*.

Aquella scena preparára-a e calculára-a para mais se insinuar no animo do capellão e lhe apanhar ainda alguns cobres mais.

O velhaco estava-se a rir interiormente da figura que o capellão fazia diante d'elle, de braços abertos, olhos esbugalhados, mirando-o de alto a baixo com muito espanto, como se visse n'elle algum phantasma, alguma alma do outro mundo, o quer que fosse de extraordinario!

Elle preparára a situação com toda a côr local.

— Irmão em Christo.

— Frei José.

E ambos se abraçaram, o capellão com vivo alvoroço, o *Frade* soluçando, com a voz tremula, cheia de uma grande commoção.

— Coitado, cuidei que não voltaria mais a vel-o.

— Abaixo de Deus foi vossa reverendissima que me salvou, é a vossa reverendissima que eu devo a vida.

O *Frade* trazia bem estudado o seu papel.

— Estou roubado, foram as primeiras palavras que elle disse ao capellão apenas se encontraram a sós.

fazia nos mesmos paços do concelho (d'onde com grande gosto e alvoroço do povo, se tirou depois no tempo da acclamação do invicto monarcha, el-rei D. João o IV) e certamente que se não enganaram n'aquelle juizo, porque depois tiveram repetidas ordens de Madrid os vereadores da camara da mesma villa, para remetterem a tal pá para aquella côrte, de que poderam desculpar-se com dizer que não sabiam d'ella.

«Chamava-se a tal forneira Brites de Almeida, cujo nome é o mesmo em todas as noticias, (ainda que lhe não tragam a sobredita alcunha) e as casas em que morava, ainda hoje ha homens que se lembram d'ellas, e, posto que arruinadas, ainda se lhes viam duas janellas de pedraria, e em uma d'ellas esculpido um forno, como indice do que por detraz das ditas casas havia, nas quaes depois fizer am tambem celleiro os mesmos padres, junto do que já tinham; e d'ellas foi ultima possuidora uma mulher, que tinha por alcunha a *tubarôa*, como tudo consta da inquirição referida, ainda que n'ella se não declare como a forneira fizera estas mortes, nem tambem se diga o logar d'ellas, que, sendo no tal forno, persuade a que os Castelhanos se recolheram n'elle, ou que, entregues á imagem da morte que é o somno, ou representando a mais vivamente, porém com menos alma, em mortaes paroxismos, facilitariam a que esta mulher, com instrumento tão improprio e desproporcionado, os reduzisse de moribundos a cadaveres, como affirma a tradição.

«Outra ha tambem n'aquella villa (ainda que menos constante) de que, depois da batalha, houvera alguns homens em Aljubarrota, que com impia curiosidade ajuntaram os ossos dos que n'ella morreram, e fizeram d'elles uma calçadinha que ia de casa do forneiro até o forno; e que quando os Castelhanos, que por alli passavam, diziam alguma cousa que offendesse ou tocasse aos Portuguezes, lh'a iam mostrar, desaggravando-se dos vivos com a injuria dos mortos, a qual, não ha muitos annos que havia homens velhos que affirmavam havel-a ainda visto, de cuja asseveração existem hoje bastantes testemunhas; e o padre fr. Antonio da Purificação na 2.ª parte da Chronica da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, a pag. 244 verso, diz tambem, que ainda no seu tempo se conservava muita parte da dita calçada.» *Panorama*, vol. III da 1.ª série, pag. 414.

A.

RESENHA NOTICIOSA

Ainda o protectorado do Dahomey. Em quanto alguns periodicos, até inglezes, onde ha bem pouco eramos vilmente calumniados, de comprarmos pretos ao rei de Dahomey, engolem a calumnia e referem a verdade, outros jornaes, especialmente francezes, levantam grandes queixumes por havermos occupado pontos da costa pertencentes a França e aconselham esta a obrar com energia. Outro tanto dizemos nós ao nosso governo com relação a Landana e Ponta Negra. Aos francezes, inglezes *et reliqua* custa-lhes a ver que os portuguezes são os povos mais conhecidos e considerados na Africa, apezar de cá na Europa lhes chamarem fautores da escravatura, em quanto os inglezes, com toda a sua philantropia e humanidade são detestados em toda a parte.

O protesto dos regulos no Congo. Os periodicos estrangeiros tem transcripto esse espontaneo protesto, que nos vinga das espoliações consignadas na conferencia de Berlim. Alguns periodicos Belgas, queixam-se dos aventureiros que comprometeram a Belgica, e tornaram seus inimigos a França e Portugal, que tantas sympathias tinha por ella, sem lhe congraçar a sympathia da Prussia, que espera tirar proveito da protecção dispensada, anniquilando esse paiz do mappa da Europa, como deseja fazer á Hollanda. Porque não aconselham os periodicos francezes energia contra a Allemanha? Um periodico belga diz que sabe que ha quatro seculos que os povos do Congo vivem em communidade de idéas, de costumes e até de religião com os portuguezes, pois já em 1491 se evangelisava e se fundava egreja em S. Salvador, não é isto perfeitamente o que elles dizem, mas é a verdade, e por isso lamenta que os aventureiros fossem comprometter a Belgica n'essa empreza. Ainda bem que sem nós o pedirmos, começam a falar verdade, o que não fizeram nem antes, nem durante a conferencia de Berlim. No seu protesto dizem os regulos de Boma e outros pontos do Zaire, que o poder das grandes nações não póde, nem deve por humanidade contestar-lhes os direitos de liberdade, sacrificando milhares de vidas, em proveito de uma associação que em vez de civilisar desmoralisa. Dizem que a associação não comprou terrenos, nem direitos de soberania, antes abusando da sua ignorancia, os fez assignar uns papeis dizendo-lhes que era para impedirem os colonos que tomassem *pretos de commercio*. Queixam se até da colonia portugueza, que fôra connivente n'esse acto desleal, o que não é de todo exacto, que elles e seus visinhos tem 200:000 espingardas para impedirem os abusos da Associação, asseguram que tem nas suas mãos a bandeira portugueza, que é luz dos seus estados, é a unica que reconhecem e a quem devem respeito e obediencia, a unica que permittirá viver em paz e tranquilidade milhares de almas. E pedem ao rei de Portugal que os não abandone. Que farão agora os nossos governos?

Congresso musical. O governo austriaco dirigiu ao portuguez convite para Portugal se fazer representar em uma conferencia scientifico-musical que se deve reunir em Vienna d'Austria, afim de se fixar o tom ou nota normal que deve servir de diapasão unico, e de se adoptarem as medidas convenientes para protegerem essa nota fundamental contra quaesquer variações. Dois pontos de theorica musical serão tambem discutidos: denominação dos tons on notas, denominação e designação das oitavas e alguns pontos de acustica. A conferencia será composta de professores de sciencias naturaes, compositores, artistas, directores de oper s etc. O nosso governo, que deixa passar leilões e leilões de livros e manuscriptos, sem olhar para isso, que deixa estar para ahi em casas de tabelliães e de repartições publicas milhares de documentos que n'um instante podem ser perdidos, que não tem adoptado uma reforma

E repetiu com a maior propriedade e uma grande expressão de amargura:

— Ora isso! que tem.

—Tem muito. Foi-se o que era meu e o que não me pertencia.

— Mas salvou-se a vida. Era o essencial.

— Sim, mas de que me serve a vida sem a honra.

O capellão poz se a olhar muito a serio para elle, cuidando que lhe teriam dado volta ao miolo os maus tratos dos salteadores.

— Ora essa!

E repetiu a phrase singular, que o impressionára:

— Sem a honra.

— Pois que contas quer vossa reverendissima que eu dê d'aquelle dinheiro que recebi para a cigana.

O capellão levantou se quasi enfadado e deu uns passos ao redor da casa, sacudindo muito com os braços e bambeando-se todo.

— Deixe lá a cigana, que lhe ha de fazer agora? O que lhe aconteceu poderia succeder a qualquer outro.

— Mas isso é que não. Ainda que cuide de andar toda a vida de rastos, esse remorso é que eu não quero para a hora da minha morte. Ha de fazer-me essa esmola. Em o guardião lhe mandando o dinheiro que lhe pedi e era meu, ha de voltar a escrever-lhe para que me empreste o que preciso, a fim de desobrigar a minha consciencia de tamanho escrupulo.

— Pois sim, ao depois falaremos. Vamos agora ao que mais directamente me interessa. Onde e como o prenderam, que lhe fizeram, que nova quadrilha é essa que veio substituir os caçadores de carne humana?

— Foi á entrada do Pinhal Velho. Haviam-me prevenido de que podia ter algum mau encontro, mas eu a nada attendi. Metti-me a caminho, e tal me disseram assim me succedeu. Quando ouvi os signaes que os ladrões deram e costumam trocar para se porem de accordo, já era tarde para fugir. Achei-me de subito, nem eu sei como, agarrado por quatro furias que parece terem surgido debaixo dos meus pés.

O capellão repetiu de um modo pensativo:

— Quatro!

— E verdade, contei-as ao depois, que n'aquelle momento até a luz me fugiu dos olhos.

— Adiante.

— Levaram-me a uma especie de clareira, logo alli a dois passos do sitio em que me fizeram a espera, e começaram por me intimar que pozesse para alli tudo que levava.

O capellão não perdia uma unica palavra d'esta narrativa.

— Dei-lhes primeiro a minha boceta, em que eu tinha os meus papeis e as reliquias e...

— E o dinheiro.

— Não. O dinheiro levava-o com maior recato, n'um cinto por debaixo do habito, mesmo chegado á pelle, mas de nada me valeu a prevenção. Tive de lh'o entregar. Então pozeram-se a contal-o mesmo na minha presença, e um d'elles disse para os outros:

«Querem vocês ver que foi este frade que fez com que a cigana nos denunciasse?»

Ao ouvir isto o capellão não poude conter o seu espanto.

— Ah! exclamou elle. Eu já o havia previsto. Foram então esses quatro velhacos que se escaparam quando mandámos cercar a gruta?!

E com redobrado interesse bradou:

— Falle, falle.

O *Frade* dando-se uns ares muito condoidos confirmou.

— Sim, eram os mesmos.

— Amarraram-me de pés e mãos a um enorme pinheiro e depois taparam-me os olhos mandando-me rezar o acto de contricção em voz alta, que se ouvisse bem.

«Dá-se cabo d'elle já aqui, disseram»

Mas logo uma voz que foi para mim a vida, que me produziu um alvoroço que não se descreve, se levantou de entre os scelerados e disse:

«Suspendam»

Depois continuou:

«Tirem a venda dos olhos a esse...»

O velhaco suspendeu-se simulando um grande acanhamento.

— Então proseguiu elle representando o seu engenhoso papel com uma habilidade que enganaria toda a gente, acercou-se de mim e disse-me:

«Queres viver?»

«Quero, respondi.»

«Em primeiro logar has de dar á gente cincoenta moedas de ouro pelo teu resgate.»

O *Frade* suspendeu-se ainda uma vez para outra explicação.

— Os patifes tinham encontrado o recibo do guardião a quem eu deixára a guardar aquella quantia. Respondi logo que estava prompto.

«Bem, proseguiu o ladrão, agora em segundo logar has de responder á pergunta que te vamos fazer, mas livra-te de nos enganar, de não dizer toda a verdade.

«Sim, senhor, respondi eu como pude, fazendo das fraquezas forças para não comprometter a situação.

O interrogatorio começou, e logo ás primeiras perguntas comprehendi que estava salvo, e que esses homens precisavam de mim para exercer uma das suas terriveis vinganças.

O capellão estupefacto ainda poude exclamar:

— Como, como?!!

Mas elle não o deixou continuar.

— Oiça, lhe disse com um grande ar de mysterio. Perguntaram-me então se aquelle dinheiro de que me tinham feito o favor de chamar seu era para o amante da cigana. Respondi que não, que era só para a cigana e que não conhecia essa pessoa de quem elles me falavam.

«E não te atreverias a indicar-nos o esconderijo d'esse maldito judas que nos atraiçoou a todos nós?»

— Tive uma idéa felicissima. Contei-lhes que a justiça o procurava tambem e com a verdade me salvei, promettendo-lhes que se me concedessem a vida, eu faria com que a propria cigana lh'o entregasse, e mais ainda alcançaria um salvo conducto do governador das armas para poderem livremente percorrer a provincia, se tanto fosse preciso para se lhes descobrir a pista.

O capellão poz-se apprehensivo.

— Acho que prometteu de mais! Dar um salvo conducto a quatro ladrões de estrada...

— Tanto melhor, que mais certeza terem-os de lhes deitar a mão logo que nos achemos servidos. Bem vê que depois de ser roubado como fui, eu não podia contar com a cigana para cousa alguma. Ainda se eu podesse obter meios de lhe arranjar immediatamente o dinheiro... Mas ainda outra cousa. Porque não vae o capellão ao Casal do Bravo? Ainda outro alvitre. Porque não a faz transportar para aqui?

— De accôrdo. Já tive essa idéa. Porque não vem comigo?

Era justamente o que ao velhaco de nenhuma maneira convinha, porque seria reconhecido o seu disfarce e inutilisaria em um momento o plano que havia urdido e encaminhado com tão bons auspicios.

— Ah! não tenho cara para isso, respondeu, nem a tal me atrevo sem que me acuda o guardião, a fim de descarregar a minha consciencia.

(Continúa)

Leite Bastos

MELHORAMENTOS DE LISBOA — O ascensor da Calçada da Gloria (Desenho do natural por J. Christino)

necessaria do Conservatorio musical e de arte dramatica, havia de ficar estupefacto ao receber o convite do governo austriaco, e naturalmente sorriu de piedade ao ver que aquelles bons homens apezar de embaraçados com as questões de allemães nacionalistas e centralistas e da representação dos tcheques e polacos e hungaros, caem na ingenuidade de se importarem com o diapasão. Elle a falar a verdade sempre ha coisas!

Seguros contra accidentes nos caminhos de ferro. Este momentoso assumpto, suscitado ha tempos, por um periodico de Barcelona, e que não achando echo ainda em praça alguma commercial, vae ter uma applicação pratica e definitiva, sendo a Sociedade *Securistas*, de Madrid, que está tratando de organisar o regulamento relativo a este assumpto, para cujo effeito reclama o auxilio e cooperação das diversas companhias de caminhos de ferro. Lembramos tambem ás nossas companhias de seguros que não era indigno dos seus lavores, tomar em mão este importante objecto.

Jurisprudencia interessante. Parece-nos da maior importancia, diz um periodico hespanhol, a que acaba de adoptar-se nos Estados Unidos. O tribunal civil de New-York foi quem a estabeleceu, e interessa tanto aos advogados, como aos seus clientes. É a seguinte: Declara-se que se um pleito se perde por culpa do advogado, quer seja em consequencia da sua ignorancia, quer seja por não estudado devidamente o assumpto, o cliente, tem direito não só a deixar de pagar os honorarios do advogado, mas tambem a exigir d'este uma indemnisação por perdas e damnos. Se chegasse a estabelecer-se em Hespanha, diz o referido periodico, jurisprudencia egual, não só simplificaria muitissimo a administração da justiça, mas exerceria salutar influencia nos costumes publicos. O mesmo dizemos com relação ao nosso paiz, fazendo ardentes votos por que não só aos advogados, como aos agentes do ministerio publico, e aos juizes ella seja applicada.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Atheneu Commercial do Porto. *Festa inaugural do edificio privativo, 31 de maio de 1885, Porto.* Com este titulo publicou a importante associação portuense, denominada *Atheneu Commercial*, um pequeno livro de 90 paginas, dando conta da sessão solemne com que inaugurou o seu novo edificio proprio, que os nossos leitores já tiveram occasião de ver reproduzido em gravura, a pag. 136 do presente volume. Esta sociedade é uma affirmação brilhante da vitalidade da classe commercial na cidade invicta.

Grande diccionario contemporaneo francez-portuguez e portuguez-francez, pelo professor Domingos d'Azevedo, publicado com a approvação de Victor Hugo, revisto pelo sr. Luiz Filippe Leite, etc., editor, Antonio Maria Pereira, Lisboa. Vai já na folha 31 a publicação d'este diccionario, incontestavelmente o mais perfeito e completo que se tem publicado em Portugal, e por isso o mais indispensavel para o estudo da lingua franceza tão cultivada entre nós. O seu preço extremamente modico facilita extraordinariamente a sua acquisição.

Documentos historicos da cidade d'Evora... *Evora, typographia da Casa Pia, 1885.* — Folio. Estão publicados os tres primeiros fasciculos d'este importante emprehendimento, com que o muito intelligente e erudito archeologo, o sr. Gabriel Pereira quiz dotar a sua terra. Já a paginas 80 do nosso 3.º volume, a proposito de outro trabalho d'este genero — o *Archivo dos Açores*, diziamos nós, com referencia ao seu benemerito proprietario e director, *«que não desanime no meio do caminho, é o que desejamos e esperamos da dedicação e coragem do illustre michaelense o sr. dr. Ernesto do Canto, cujo exemplo deve ficar como padrão e incentivo. Honra lhe seja, e oxalá os homens illustrados pagassem, cada um, obolo egual á sua terra, que as trevas da historia patria estariam já de todo dissipadas»*. Havia cinco annos que o sr. Gabriel Pereira tinha começado a manifestar as suas posses em trabalhos, quer litterarios, quer historicos e archeologicos, taes como, *Dolmens ou antas dos arredores de Evora, 1875*, *Invasões dos normandos na peninsula iberica* (traducção), e *Contos singellos, 1876*; *Livro 3.º da Geographia de Strabão*, 1.ª parte, 1878; *Narrativas para operarios*, *Contos de Hans Andersen*, *Notas de archeologia* (Montes fortificados de Colla e Castro Verde, Dolmen furado da Candieira, Ruinas da Citania de Briteiros), *Plutarcho*, biographia de Sertorio com um estudo sobre a romanisação da peninsula iberica, 1879; e continuou a provar-as publicando os *Fragmentos* de Lucio Floro, Salustio, Ptolomeu, Eutropio, S. Aurelio Victor, Scylax e Hannon, Itinerario de Antonino; *Plinio e P. Mella*, capitulos relativos á peninsula; o *Livro 3.º da geographia de Strabão*, 2.ª parte, e o *Catalogo provisorio* dos pergaminhos do cartorio da Universidade de Coimbra em 1880, cujo catalogo definitivo sahiu á luz no anno seguinte, — e em artigos dispersos por varios periodicos, todos impregnados de saber, talento e critica habil. Parece porém que já então germinava em seu pensamento a obra de que hoje nos occupamos, vasada em moldes mais vastos, e que, seguindo a mesma orientação, tende a completar a historia de Evora, desde a sua libertação, pelos portuguezes em 1166, do jugo mussulmano, até o periodo onde fôr possivel conduzil-a. Poderão alguns espiritos, se é que o são, saturados dos absynthos galicanos, julgar massadores os homens que arrostam com o pó dos jazigos ou com a poeira e traça dos archivos, para desenterrar monumentos irrefutaveis, que nos patenteiem o viver, o crer, o sentir, o ser emfim das gerações que foram; poderão, arvorando-se em portageiros da litteratura, acoimal-os de seccantes e immerecedores do favor publico e da veneração da gente illustrada, que elles acostando-se ás sombras venerandas dos A. de Rezende, Viterbo, Velho Barbosa, J. Pedro Ribeiro, Amaral, Felner, Figueiredo, Rivara e A. Herculano, pagarão contentes a portagem, a coima, e até, se quizerem, o encouto que lançam sobre estes e tantos outros que o mundo respeita. Felizmente para as letras emtanto que das lucubrações d'estes ficam e permanecem os fructos nos annaes da humanidade, como tropheus do saber e do trabalho util; das garabulhas bordalengas e estrossas facecias, dos escoimados do pó e da traça, ninguem se recorda no dia seguinte. Estes entumecem-se com os applausos dos frivolos, os outros satisfazem-se apenas com o reconhecimento dos que estudam. O sr. Gabriel Pereira caminhando pela estrada aberta por A. Herculano, deu ao seu trabalho, segundo se deprehende dos principios, a disposição dos *Portugaliæ monumenta historica*. Nos tres primeiros fasciculos, dirigidos com illustrada economia, abrem-se os periodos historicos, pelas series dos reis e prelados que os prehencheram, marcos miliarios indispensaveis para as referencias chronologicas e critica dos documentos. Segue-se no primeiro a indicação das fontes historicas que memoram a tomada d'Evora. Vem-lhe em seguida o foral dado á cidade por Affonso Henriques, logo depois da conquista, com as suas confirmações posteriores. Não podemos precisar todos os documentos produzidos nos tres fasciculos, entre os quaes são muito importantes e curiosos os que se referem aos costumes do municipio, capitulos de côrtes, e bens do cabido, mas causaram-nos muito grata impressão o que reproduz os estatutos de uma confraria organizada para obras de piedade, pelos homens bons que foram a Jerusalem, por algumas disposições singulares que encerra, mostrando-nos como grande numero de pessoas faziam a romaria á cidade santa, — sendo de lamentar que faltem os nomes dos instituidores, e a data da instituição —; e bem assim o pequeno conhecimento da soldada de Vasco das Alcaçovas, lançado na ultima folha do *Livro dos herdamentos do cabido*, pelas curiosas e interessantes noticias que fornece. Se todas as terras, a exemplo da Camara de Lisboa, da de Coimbra, e dos srs. Ernesto do Canto e Gabriel Pereira, tratassem de reunir bom corpo e trazer a lume todos os documentos relativos á sua existencia, usos e costumes, fariam bom serviço a historia geral do paiz. Em Italia já ha annos que em varias cidades se teem formado sociedades com esse fim, e ligadas umas com outras, trocam os seus trabalhos e communicam os achados que podem interessar a uma ou outra. Entre nós quasi nada se faz, e o pouco que apparece é como que arrancado pelos cabellos, e á custa de muitos sacrificios de quem o intenta, e ainda por cima exposto aos chascos dos *espirituosos*. O emprehendimento do sr Gabriel Pereira, — que devia ser subsidiado pelo municipio —, n'esta época, em que só se dá valor a frioleiras ou a valverdes litterarios, merece todos os emboras dos homens de trabalho serio e o favor do publico. Applicamos-lhe as mesmas palavras que citámos acima, esperando que não desanime, perante qualquer desfavor, — que os hade ter e grandes —, e desejando que receba todo o auxilio de que são credores trabalhos d'esta ordem.

Typ. Elzeviriana — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.